Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro - Unirio

Centro de Ciências Humanas e Sociais - CCHS

Escola de História - EH

Lui Moreno de Oliveira Rosa

Divinização da imagem de Alexandre Magno (o Grande):
A partir da sua visita ao templo de Zeus Amon e a Moeda de Lísimaco

Rio de Janeiro
2020

Sumário

Introdução……. 3

1 - Nascimento, sangue divino e formação do Alexandre…… 5

2 - Chegada ao Egito, encontro com o Oráculo e Divinização……. 8

3 - Morte e divinização pós-morte a partir da moeda de Lisímaco……. 11

Conclusão……... 14

Referências……. 15

Ficha documental…….. 17

Introdução

Alexandre III da Macedônia nasceu em Pela no ano de 356 a.C. e morreu na Babilônia no ano de 323 a.C, filho de Felipe II e Olímpia, desde antes do seu nascimento já se colocavam muitas expectativas nele tendo em vista as profecias através dos sonhos de seus pais. Apesar de ser criado para seguir a carreira militar de seu pai, teve uma ótima formação educacional sendo pupilo de Aristóteles aprendendo e absorvendo o máximo de conhecimento da cultura grega/helênica que pode.

Podemos ver que além de um excelente estrategista em batalha, Alexandre por essa paixão ao conhecimento teve como base de suas conquistas espalhar esse conhecimento da cultura grega e também de conhecer outras culturas. Tendo em vista isso ele fundava bibliotecas que continham muito material, além de que Alexandre adotava alguns aspectos da cultura dos povos conquistados.

Mas além da figura carismática viam que ele tinha um algo mais, pois era geralmente bem aceito pelos povos que conquistava. Então entra o questionamento da divindade que Alexandre exibia. Tendo em vista que sua família teria sangue por descendência divino, acreditava-se que a família do rei Felipe III era descendente direto de Heracles (Hércules) e de sua mãe, Olímpia, o sangue da deusa Tétis, que é a mãe de Aquiles, e que Alexandre, por essa linhagem sanguínea, havia herdado os essa força que emanava dos deuses, tanto que já bem jovem demonstrava ser prodígio nas forças militares e nas suas filosofias.

Porém temos um outro momento que é nos afirmado isso, em sua visita ao oráculo de Amon, divindade egípcia similar a Zeus para os egípcios, onde lhe é dito que seu pai não é mortal, tendo esse momento mudado a forma como Alexandre se portava e lidava principalmente com as pessoas não gregas, impondo sua "aura divina" para os povos.

Após sua morte sem deixar um herdeiro legítimo, houve muitas discussões entre seus generais que acabaram por dividir seu império, mas alguns continuaram

a propagar a imagem divinizada do antigo rei e podemos ver isso através das moeda que será analisada de Lisímaco

Objetivamente, esse trabalho visa analisar essa trajetória de vida a partir da biografia feita por Plutarco da vida de alexandre, passando pelas questões familiares, conquistas que reafirmaram sua divindade, onde a natureza parecia ajudar Alexandre em suas batalhas, a sua ida ao Egito que mudou a o discurso e algumas maneiras de agir e por fim como sua imagem foi utilizada para reafirmar poder.

No primeiro capítulo pretendo analisar a sua linhagem sanguínea e contextualizar a época que Alexandre vivia, como seu pai preparou o terreno para ele antes de ser assassinado até o momento que Alexandre assume e impõe o seu poder e governo.

O segundo capítulo aborda a ida de Alexandre ao Egito e a visita ao oráculo de Amon, as relações religiosas entre essas duas culturas e como ele começou a dialogar se pondo como um ser em que corria sangue divino e não humano.

Por fim, o terceiro capítulo analisará como seus generais utilizaram de moedas para legitimar seu poder através da imagem do rei morto, mas com características de Zeus/Amon divinizando o homem que com eles conquistou boa parte dos territórios da antiguidade.

1 - Nascimento, sangue divino e formação do Alexandre

Tendo em vista esses conceitos de separação começou a entrar a questão da evolução do Homem Alexandre para a sua imagem divinizada ao longo dos séculos. Desde antes do seu nascimento Alexandre já era esperado como um homem forte que estaria propenso ao sucesso, pois seu pai Rei Felipe II havia tido um sonho que mostrava a garra e a força que ele iria ter.

Felipe II, pai de Alexandre, seu antecessor, foi responsável por organizar e estabelecer todo o poder militar do exército macedônio e por dominar as cidades e estados da península grega. A caminhada de conquistas de Felipe começa com ele derrotando as ligas da Hélade uma a uma, aproveitando-se do momento de fraqueza por causa da guerra do Peloponeso e adentrou a península grega, assim conquistando e dominando as independentes cidades e as anexando ao reino macedônio, assim criando o que foi batizado por ele de comunidade grega, pois ambas as cidades tinham culturas similares. Ele também se utilizou dos símbolos e imagens que se referiram ao ethos das cidades para disseminar seu domínio e assim conseguir legitimá-lo, mostrar aos povos helenos que agora eles tinham um reino.

> **“Certa vez logo após o casamento, Filipe sonhara que marcava com um sinete em forma de leão o ventre da esposa, as interpretações dos adivinhos davam conta que o rei teria um filho que teria a coragem de um leão” (**FARIA**, 2012, p.1)**

Acreditava-se que a família do rei Felipe II era descendente direto de Heracles (Hércules) e de sua mãe, Olímpia, o sangue da deusa Tétis, que é a mãe de Aquiles, e que Alexandre, por essa linhagem sanguínea, havia herdado os essa força que emanava dos deuses, tanto que já bem jovem demonstrava ser prodígio nas forças militares e nas suas filosofias.

Discípulo de Aristóteles, Alexandre teve grande conhecimento sobre a filosofia grega, sua cultura e sua história, sendo lecionado por um dos maiores

filósofos de todos os tempos. Demonstrando um grande interesse no assunto filosófico para melhorar suas idéias do plano que via do mundo em que vivia.

> **“Filho de um grande soldado, Alexandre desde muito pequeno ouvia história de heroísmo e aventura, se houve algum homem com astúcia para a conquista, este era ele. Sua presença irradiava energia, apesar da sua pouca estatura seu porte físico atraia devida fascinação. Havia algo também em sua aparência que emanava certo magnetismo que seria representado ao longo dos séculos, a pele clara, os loiros cabelos, e os olhos curiosamente inocentes.” (**FARIA**, 2012, p.2)**

Ainda jovem, Alexandre assumiu o trono após a morte de seu pai, no qual tiveram muitos momentos de desavença, e assim começa o processo de unificação dos povos Helênicos para depois a expansão e conquista do povo persa.

Após as conquistas, Alexandre espalhou a filosofia helênica do Egito até a Ásia através de suas bibliotecas, sendo a principal a de Alexandria, instaurou certos governos democráticos pela Ásia e incentivou o casamento entre os persas e os helênicos.

> **“Durante seu governo o contato com novas culturas será intenso devido a intensa política de expansão. Um dos contatos culturais que mais influenciará será a do império persa, uma de suas maiores conquistas que estava sob o comando de Dario III” (FARIA, 2016, p.2 do pdf)**

Por sua descendência foi atribuída a sua força através da divindade e sua grande competência nas suas conquistas, como conquistar a Pérsia e a proposta de unificação como eles, ainda com Alexandre vivo começava o processo de criação da lenda, da divindade de sua pessoa e dele como ideia.

> **A figura de Alexandre se transforma durante esse período, a lenda que já existia á transformada para os propósitos de cada rei levando-se em consideração referenciais culturais e geográficas. Alexandre é de uma grande importância simbólica em tempos de insegurança e do frágil equilíbrio de poder durante as gênesis de início dos reinos helenístico,**

> **mas têm que deixar o palco uma vez que as coisas estão mais calmas (DAHMEN, 2007, p.14. apud. FARIA, 2016, p.2 do pdf).**

Esse processo também leva em consideração como ele era retratado para o seu povo e como ele se mostrava diante deles. Quando abordamos o assunto de retratação falamos de moedas, esculturas e pinturas, onde sempre assemelhavam Alexandre a outros deuses ou colocavam símbolos divinos, como Apolo e Hércules (Heracles). E mesmo após sua morte essas características divinas nunca deixaram de ser usadas para retratá-lo posteriormente.

Alexandre também era mostrado para o povo como a figura de rei filósofo, conquistador magnífico sonhador da fusão de culturas e raças formando uma cultura universal, sendo assim ganhando popularidade entre o povo e os outros governantes abaixo dele.

> **“Apesar de seu curto reinado, conquistou um império que ia dos Balcãs à Índia, incluindo também o Egito e a Bactria (atual Afeganistão), sendo esta a máxima extensão do império. É considerado um homem de visão, extremamente inteligente, que tentou criar uma síntese entre o Ocidente e o Oriente, estimulando o casamento de seus soldados com mulheres persas. Ele mesmo casou-se com uma princesa bactriana.” (**FARIA**, 2012, p.2)**

Podem-se ver as ligações que são dadas no início do artigo pelo trecho de destaque, onde o ser divino se assemelha em governar o mundo habitado e usufruir dos bens humanos. Alexandre consegue fazer o papel de governar, por ter o maior império do mundo antigo em sua época e ainda assim usufruir do que o mundo tem a oferecer a ele.

Com isso ele em vida já ganha um peso de divindade pelos seus feitos que deixaram uma marca na história da sociedade e sua pessoa deixou de ser simplesmente um corpo, mas passou a ser uma idéia que transcende a sua geração e que está imortalizada nas escrituras e construções de memória.

2 - Chegada ao Egito, encontro com o Oráculo e Divinização

Alexandre foi nomeado rei da Macedônia após a morte de seu pai Felipe II no de 336 a.C. Como sucesso de pai Alexandre herdou a vontade se seu pai de estabelecer uma hegemonia do mundo grego com também seu plano de conseguir chegar e dominar o poderoso império persa. Após afirmar e submeter os povos gregos ao reino da macedônia Alexandre começa sua expedição a de dominação na Ásia no ano de 334 a.C, tendo duas vitórias logo no início ressaltando a vitória em Isso, que tinha a presença do Rei persa Dario que foi obrigado a fugir. Após a batalha de Isso ele encontrou resistência na cidade de Tiro, mas por fim acabou conquistando apesar de levar bastante tempo, na sequência conquistou Gaza e se dirigiu para o Egito, onde não houve resistência e Alexandre foi visto com libertador.

No Egito durante sua campanha contra Dário, foi onde Alexandre conseguiu as respostas para sua busca de legitimação de divindade, tendo em vista seus feitos nas terras dos antigos faraós. Tendo dois eventos como pontos chaves de suma importância para poder alcançar o divino, sendo ela a construção da cidade de Alexandria e a peregrinação ao oráculo de Siva. A cidade de Alexandria que teria sido vislumbrada a partir de um sonho profético de Alexandre cujo um sábio ancião lhe teria contado o lugar perfeito para a nova cidade. Pode-se atentar a questão de visualização por sonho como se fossem os deuses falando com ele e a partir disso seria uma decisão divina. A peregrinação ao Oráculo de Siva já teve a importância para a mudança de representação dele mesmo, transformando-o no Rei Alexandre, um rei que não se limitava mais apenas a Macedônia e começou a reivindicar a sua ascendência divina.

Nesse contexto temos que ter em mente que a aproximação religiosa entre essas duas culturas não era uma coisa nova, pois os gregos já faziam visitas e transitavam pelas terras há tempos não datados. Com essa premissa podemos falar do renome do oráculo de Zeus Amon, que é a associação das duas divindades gregas e egípcias que já ocorria há tempos, sem contar que a própria divindade

remonta a história de alexandre tendo em vista que seu pai felipe enviou um de seus generais para delfos saber do seu futuro filho e do seu possível sucesso militar, tendo como mensagem recebida do oráculo dizendo: “O deus ordenava que ele fizesse sacrifícios a Amon e reverenciar particularmente este deus” (PLUTARCO, 2005, p.21), Tendo em vista a importância de cada deus para a sua cultura foi então assimilado através do sincretismo, que aconteceu de forma natural.

Sobre as motivações de Alexandre para fazer essa visita ao oráculo se deve a dois motivos: O primeiro motivo se deve ao fato do hábito criado por alexandre antes de cada grande batalha consultar oráculos, como por exemplo a vez que ele foi ao oráculo de delfos antes de partir para a Ásia menor, agora seria pra grande batalha que se aproximava contra o Grande Rei Dario. O segundo motivo e, provavelmente, o que levou Alexandre a enfrentar o deserto é a fama que foi adquirida pelo oráculo de Amon no mundo grego. Temos o exemplo dos atenienses que foram de encontro ao oráculo durante a guerra do Peloponeso, buscando por presságios, temos também na parte literária onde na mitologia grega, ainda, Perseu visitou o oráculo enviado por Polidecto, rei mitológico da ilha de Sérifo. Hércules, também, visitou Siva quando buscava por Anteu, figura mitológica que perdia. Com isso, Alexandre buscava se igualar aos seus "rivais".

Já decidido a enfrentar o deserto, Alexandre separa um pequeno grupo do seu exército e vai em direção ao templo de Amon. Aqui que já começa a ter suspeitas ou legitimar a divinização após o encontro ao oráculo, pois no caminho, como é contado por Plutarco, depois de dias caminhando e sem água e suprimentos, eles são salvos por uma incomum tempestade, que para Plutarco foi concedida por Zeus, lhes abastecendo com água e tornando o ar mais respirável. Além disso, após uma tempestade de areia Alexandre teria pedido o caminho, o ponto de orientação, para o oráculo e seu gopro começou a se dispersar sendo-os salvos por um grupo de corvos que lideraram indicando o caminho e gritando em orientação para os que se dispersaram. (PLUTARCO. “Alexandre e César: Vidas Comparadas”; Escala; São Paulo; 2005, p 44)

Em sua chegada no templo, Alexandre é saudado como filho de Zeus pelo profeta do tempo, logo após em suas perguntas ao oráculo Alexandre pergunta se algum assassino de seu pai tinha escapado de sua vingança e é surpreendido pela

resposta do profeta que fala que seu pai não é mortal. Então Alexandre reformula a pergunta para se algum dos assassinos de Felipe escapara e pergunta também se o deus lhe concedia reinar sobre o universo inteiro. Por intermédio do profeta, o deus lhe respondeu às suas perguntas falando que Felipe havia sido devidamente vingado e que seu desejo lhe seria concedido, a partir desse momento a história de filho de Zeus se espalhou. (PLUTARCO. “Alexandre e César: Vidas Comparadas”; Escala; São Paulo; 2005, p 44)

Plutarco também faz uma ressalva a um possível erro de pronúncia do grego antigo e com isso causando uma confusão na comunicação, mas isso não muda o fado do discurso adotado por alexandre após o encontro, mas plutarco também ressalva que era um discurso mais para os não gregos, onde ele exibia com orgulho ser filho de um deus, já para os gregos era mais contido.

A partir dessa visita, Alexandre começa a adotar o discurso e se comportar para ser visto dessa forma, a sua vitória contra o grande rei dario e a sua ida às terras desconhecidas da Índia acabaram legitimando a história vivida no templo de Amon. A lexandre então tornou-se maior que seu próprio reino, passou a ser o rei Alexandre, uma figura cheia de lendas ao seu entorno, sucessor do império Aquemênida, líder dos gregos e chefe do exército mais poderoso do mundo, que até depois de morto teria sua história transformada em lenda contada e aumentada. De fato com todos esses fatos e sucessos só um ser divino poderia conquistar, um filho de Zeus, e o oráculo de Zeus Amon lhe garantiu tal título.

Alexandre, o Grande conseguiu se utilizar do discurso religioso e das semelhanças entre as duas tradições religiosas para poder legitimar sua divindade. Através da iconografia religiosa grega, egípcia e talvez persa, o rei se utiliza de todos esses símbolos atrelado às tradições de cunhagem grega para formar sua imagem divina, seja ela eternizada em poemas,estátuas, templos ou até mesmo moedas. Destacando nesse contexto a iconografia monetária, a sua imagem divinizada transpassa pelo tempo, tanto que até hoje ele ainda é lembrado e seus feitos são contados dos mais variados tipos de mídia.

3 - Morte e divinização pós-morte a partir da moeda de Lisímaco

A figura do rei conquistador ainda pairava pelas suas terras, pelas suas ideias que foram exercidas, pelas artes que foram feitas sobre ele, suas conquistas memoráveis e toda a expansão da filosofia do mundo helênico por todos os territórios dominados e unificados.

Com a sua morte podemos ver melhor como ele foi divinizado, pois seus generais utilizavam de sua imagem, sua idéia, para poder assumir o trono deixado pelo Alexandre, fazendo com que todas as suas conquistas fossem aos poucos se acabando e se fragmentando, mas mostrou-nos com essas batalhas de egos como o homem/deus/idéia que governou o mundo e se ocupou das coisas humanas ainda influenciava tudo após sua morte.

> **“Não é a utilização da figura pura e simples de Alexandre que terá lugar no início dos reinos Helenísticos, é sua imagem divina e o potencial ideológico que isso irá trazer, que dará aos novos governantes a legitimação necessária que eles estão buscando. Todos se consideraram em algum momento herdeiros legítimos do trono deixado por ele, e a utilização de sua representação nesse momento ajudará nisso.” (FARIA, 2016, p.4 do pdf)**

Também podemos perceber essa divinização da imagem de Alexandre através das moedas, tendo em vistas que as moedas pro mundo grego não tinham apenas o caráter mercadológico que temos hoje, mas também carregavam e possuíam um caráter religiosos. Podemos observar nos territórios sob influência da cultura grega podemos perceber as primeiras modificações do seu caráter original que é ser um objeto de troca. Podemos ver o uso político do objeto, pelo fato das cidades gregas cunharam símbolos que se referiam às divindades, festas, cultos de sua cultura com o objetivo de identificar e registrar as moedas como estratégia política para as imagens ficarem presas no imaginário popular. Esse modelo de cunhagens foi adotado posteriormente por boa parte dos povos antigos.

Alexandre deixou algumas moedas ainda em vida, mas irei analisar contextualizar uma depois da morte do rei, sendo assim vale ressaltar que alexandre adotava muitos aspectos e símbolos religiosos e após sua morte podemos ver moedas com imagens de Alexandre divinizado feitas por seus antigos generais que viriam a se tornar reis. Utilizavam dessa imagem, pois tinha um imaginário popular de um Alexandre rei deus, o que mostra bem o sucesso da missão macedônia de propagar a imagem divinizada de Alexandre. Colocando a imagem com uma forma de propaganda podemos ver que a imagem de um Alexandre divino percorreu todo o mundo antigo naquele período e conseguiu perpetuar a imagem dessa história no imaginário desses povos.

Tetradracma de Lisímaco
Fonte: British Museum – © Trustees of the British Museum21

A referência da imagem no anverso moeda que está sendo analisada tem essa interpretação devido a ida e conquista de Alexandre do Egito. Havia um outro oráculo com a mesma consideração que Delfos e assim que Alexandre chegou em suas terras foi visitar o templo de Amon (o deus egípcio equivalente/semelhante a Zeus) e desde o caminho até o templo que ficava em Siwa que parecia que Zeus o estava lhe agraciando para que conseguisse chegar até sua conversa com o profeta do templo que em sua conversa afirma que o pai dele não é mortal, podemos observar bem no trecho na biografia de Alexandre feita por Plutarco.

“*Atravessando o deserto, e chegando à cidade onde estava o templo, Alexandre foi saudado pelo profeta de Amon com o título de filho de Júpiter.*

Alexandre lhe perguntou se alguém entre os assassinos de seu pai tinha escapado à sua vingança. 'Que estás dizendo - replicou o profeta - teu pai não é mortal'" (PLUTARCO. "Alexandre e César: Vidas Comparadas"; Escala; São Paulo; 2005, p 44)

A partir desse encontro Alexandre começa um discurso como filho de Zeus (Plutarco coloca como Júpiter, seu semelhante romano), principalmente entre os povos bárbaros, pois nesse encontro teve respostas para muitas de suas questões.

Conclusão

Após passar por toda a história de Alexandre de forma resumida, as formas que são abordadas na criação dessa imagem de Alexandre, que vão desde o nascimento coms os sonhos que tiveram interpretações proféticas, das suas grandes conquistas com rei e legado de seu pai Felipe II, da sua religiosidade e respostas divinas encontradas no oráculo de Amon até a sua morte e após ela, podemos observamos como ele conseguiu legitimar o discurso de divindade, mesmo sendo mortal, e sua imagem junto com sua história sendo contada para todas a gerações perpassando as barreiras do tempo..

Com toda a sua ambição e poder adquirido com o tempo, nos questionamos o quão influente chegou a ser e o quanto da sua história é real, pois a grande maioria dos autores que temos de Alexandre não viveu com ele, mas perpetuaram a lenda, a história, perante todos os séculos que se passaram, confirmando que seus feito não poderiam ser de um mero mortal, mas que realmente era o rei filho de um deus.

Alexandre soube bem aproveitar suas oportunidades, trabalhando muito bem com o discurso e a religiosidade, utilizando de sua ambição e força para alcançar seus objetivos ao ponto que mesmo muito novo se tornou uma figura a ser batida na posterioridade.

Alexandre foi grande inspiração para generais e imperadores futuros, muitos de seus antigos generais guerrearam entre si pelo trono. Sua imagem foi colocada em moedas, estátuas, pinturas, vasos e nas mais diversas artes e a sua história se perpetua até os dias atuais, ainda servem de inspiração para muitas pessoas, sua filosofia e carisma atravessam o tempo. O homem que se legitimou como deus.

Referências

Documentos

PLUTARCO. “Alexandre e César: Vidas Comparadas”; Escala; São Paulo; 2005

British Museum - https://www.britishmuseum.org/collection/object/C_1919-0820-1

Referências

FARIA, Estela de Melo “A perpetuação da divindade de Alexandre, o grande através dos textos.”, “Revista de Estudos sobre Jesus Histórico e sua recepção”, 2016

FARIA, Estela de Melo “As representações de Alexandre, o Grande pelo tempo.”, “XVIII Encontro Regional (ANPUH-MG)”, 2012

SOARES, Willy Paredes “Cícero Da natureza dos deuses – Livro II” (Traduzido do Latim para o Português), bilíngüe, João Pessoa, ideia, 2018

PEREIRA. Daniela Nunes Pego. ARAUJO. Gabriel da Silva. "RELIGIÃO E POLÍTICA: ALEXANDRE, O GRANDE E SUA LEGITIMAÇÃO RELIGIOSA NO EGITO SOB O OLHAR DA ICONOGRAFIA MONETÁRIA"; São Paulo, 2013

FARIA, Estela de Melo; "Alexandre da Macedónia: cunhagens com aspecto de propaganda"; Cadernos de Clio, Curitiba, nº2, 2011

BERNARDINO, Danilo; "A QUESTÃO DA DIVINIZAÇÃO DE ALEXANDRE MAGNO EM SUA VISITA AO ORÁCULO DE SIVA (331 a.C.)"; Alétheia Revista de Estudos sobre Antiguidade e Medievo- Volume 9/2, Rio Grande do Sul, 2014

CARLAN, Cláudio Umpierre/FARIA, Estela"A POLÍTICA DE ALEXANDRE, O GRANDE, E SUAS REPRESENTAÇÕES MONETÁRIAS"; Rio Grande do Sul, 2011

Formulação de fichas

MACHADO, Heitor Rubens Saldanha. “IUPPITER TRIUMPHATOR: Júpiter e representações iconográficas do rito do Triunfo em moedas da República Romana (225-43 AEC)”; UNIRIO, Rio de Janeiro, 2019

CHEVALIER, Jean.; GHEERBRANT, A. Dicionário de Símbolos. 8a. ed. Tradução: Vera Costa e Silva, Raul de Sá Barbosa, Ângela Melim, Lúcia Melim. Rio de Janeiro: Editora José Olympio, 1994.

MACHADO, Diego Santos Ferreira. “Modelos de fichas documentais – moedas”

Ficha documental

Denominação: Tetradracma Moeda/tipo: prata. Período: 305 - 281 a.C. (cerca) Localização: - Lampsacus Anverso: Cabeça de Alexandre o Grande, à direita, diadema e com um chifre de carneiro; borda pontilhada. Reverso: Athena Nikephoros sentada à esquerda; Nike em movimento de coroação com a grinalda estendida à direita; lança apoiada atrás; braço esquerdo apoiado no escudo; à esquerda, imagem de culto; em esforço, em crescente. Incrição no anverso: ΒΑΣΙΛΩΣ (βασιλως) e ΑΛΕΞΑΝΔΡΟΥ, Cr. 17.250 g https://www.britishmuseum.org/collection/object/C_1919-0820-1.	

Unidades sintagmáticas

Alexandre - antigo rei Macedônio

Diadema com chifre de carneiro - alusão ao deus Amon/Zeus

Athena - deusa da sabedoria

Nike - deusa da vitória

Grinalda - símbolo de sucesso e vitória

Interpretação

O monetário em análise foi feito por Lisímaco colocando características divinas no seu antigo rei, como os chifres de carneiros em alusão ao deus Zeus/Amon, que foi muito retratado em discursos de Alexandre após sua ida ao templo de Amon no

Egito. A forma de divinizar o falecido rei mostra que seu triunfo foi deixado para Lisímaco e ele utiliza da imagem de Alexandre para legitimar o seu poder governamental honrando todo o legado de Alexandre.